

POSSÍVEIS ERROS E ACERTOS NA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA COMO PROFESSOR DE ESPANHOL LÍNGUA ESTRANGEIRA: CRENÇAS E EXPECTATIVAS

Bárbara Karoliny Sousa Pereira¹

Emanuel dos Santos Antonino²

Wanderlan Alves³

INTRODUÇÃO

O ensino de línguas estrangeiras nas escolas públicas sofre com a desvalorização, apesar dos programas de incentivo à docência como o PIBID e a Residência Pedagógica. Nós, enquanto professores em formação em licenciatura em língua espanhola tentamos entender melhor esse cenário complicado, a partir de nossas práticas como residentes na Escola Estadual José Gonçalves de Queiroz, na cidade de Sumé – PB, por meio do programa Residência Pedagógica.

Temos o objetivo, neste trabalho, por meio de um relato de experiência em turmas do primeiro ano do Ensino Médio, de tratar sobre a crença, no seu sentido mais amplo, para entender nossas crenças e expectativas que foram construídas, destruídas e reconstruídas durante nossa participação no programa. Por fim, pretendemos explicitar o resultado de todo esse processo envolvendo erros, acertos, crenças e expectativas na nossa primeira experiência como professores de língua espanhola.

Partindo de nossas crenças e expectativas, buscamos trabalhar com os alunos de diferentes maneiras, a fim de entender o atual momento do ensino/aprendizagem do espanhol na escola pública e como os nossos alunos entendem seu próprio estudo: importante ou irrelevante, fácil ou difícil? Com essas dúvidas, procuramos refletir criticamente sobre o atual momento da disciplina de língua espanhola na educação básica, e parece-nos preocupante. Concordamos com Sedycias, quando ele diz que o

cenário de ensino/aprendizagem do espanhol no Brasil fomenta questões que levam a profundas discussões, sejam por aspectos

¹ Graduanda em Letras/Espanhol pela Universidade Estadual da Paraíba - PB, pkaroliny9@gmail.com;

² Graduando em Letras/Espanhol pela Universidade Estadual da Paraíba - PB, antoninoemmanuel2@gmail.com;

³ Professor da Universidade Estadual da Paraíba - PB, Orientador do subprojeto de Residência Pedagógica/Letras/Língua Espanhola/UEPB/CCHE, alvesawanderlan@yahoo.com.br.

linguísticos ou valorais, pois durante muitos anos, foi baixa a procura pela formação em Língua Espanhola, já que por serem línguas próximas acreditavam-se não haver necessidade de uma formação centrada e completa nesse idioma (SEDYCIAS, 2005, p. 58).

O ensino do espanhol no sistema educacional brasileiro ainda segue sem muito valor, como parece sugerir a visão que temos, no nosso contexto, a partir dos nossos alunos. Grande parte deles estuda essa língua pelo fato de ser obrigatória na escola e outra parte não gosta ou não se importa com as aulas de espanhol. Essa visão acerca do ensino de espanhol nas escolas públicas parece estender-se ao âmbito nacional. Durante pesquisas, encontros e conversas com outros professores e colegas residentes, percebemos duas crenças que se destacam e caracterizam o ensino de espanhol, atualmente, de acordo com as perspectivas dos estudantes relacionadas ao ensino/aprendizagem de espanhol, no Brasil:

- A aprendizagem do espanhol possibilita inserir-se no mercado (informal) de trabalho, mas, em nosso contexto estadual e, mais precisamente, na escola em que trabalhamos os alunos não veem utilidade em aprender o espanhol, assim estão muito desmotivados e suas realidades não oferecem nenhuma perspectiva de uso do idioma, sua única utilidade é para realizar a prova de língua estrangeira no ENEM.
- O espanhol é a língua estrangeira que melhor atende aos alunos de escola pública. Percebemos uma ideia entre os alunos de que o espanhol é muito fácil, portanto, se algum dia precisarem utilizar o idioma, “oportunhol” vai resolver a necessidade. O inglês, por sua vez, é muito difícil e não se consegue aprender nada. Ante tal conjuntura, mesmo com esse fator tão forte de desinteresse pelo espanhol, por questões geográficas, econômicas e de “proximidade” com a língua materna, ele se torna uma ótima opção como segunda língua para os alunos da rede pública.

A crença que diz ser o espanhol a língua que melhor atende aos alunos de escola pública brasileira parece, também, demarcar discursivamente dois grupos definidos: aqueles que já se conscientizaram sobre a importância da língua estrangeira e aqueles que dela ainda não se conscientizaram.

Segundo Barcelos,

Crenças são uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais (BARCELOS, 2006, p. 18).

De acordo com essa definição, o conceito de crença é amplo, se baseia na nossa avaliação, julgamento e conhecimento. Entendemos, pois, crenças como um conjunto de ações, valores, opiniões, ideologias, princípios, preconceitos, conhecimentos, etc., que exercem influência na nossa afetividade e na nossa avaliação. Não podemos medir ou observar uma crença em si, pois ela se mostra através de ações e palavras. Todas as nossas crenças acabam gerando um sistema que se caracteriza por corresponder às verdades que cada indivíduo possui a respeito de si e dos outros, parte dos nossos conhecimentos, e determinam nossas decisões (enquanto pessoa e profissional). Para o professor em formação, que ainda não teve contato com a sala de aula, as crenças se formam através das imagens de suas vivências enquanto aluno. Guardadas na memória, elas influenciam o futuro professor e como será sua prática.

Qualquer processo de ensino é complexo, longo e desafiador. O professor em suas ações desempenha-se com base nas imagens que projeta acerca daquilo que sabe, acredita e pensa ser o mais correto. No entanto, os valores que o professor cultiva em relação aos conteúdos, à abordagem de ensino e a seu papel dentro do sistema educativo não significam serem os melhores, porém são fatores que se baseiam em suas crenças enquanto educador.

As crenças dos professores procedem de vários aspectos: suas experiências como aluno de língua estrangeira, pois a forma de transmitir o conhecimento é, também, consequência de como foram ensinados; a experiência, que é um efeito adquirido com o tempo e com a prática, que sustenta, ou não, uma crença, e o professor passa a reconhecer a melhor maneira de trabalhar, o que inclui a personalidade do profissional, pois determinada personalidade vai resultar em perspectivas diferentes para o ensino. Ou seja, a crença orienta e dá sentido ao seu fazer de professor em sala de aula:

Neste sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu

pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 1996 p. 52).

Na Residência Pedagógica, tivemos três etapas que nos permitiram criar expectativas, observar a realidade, medir na prática a diferença entre o que esperávamos e o que, de fato, se concretizou. Em meio a tantas questões existentes entre esse dois pontos (expectativas e realidade), trataremos de um caso específico, que descreve o nosso propósito de discutir possíveis erros e acertos, em nossa prática ante as nossas crenças.

UMA EXPERIÊNCIA NO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

Chegamos às salas de aula na etapa de imersão da Residência Pedagógica, quando íamos à escola acompanhar a professora em suas aulas. Naquele momento, já íamos curiosos e imaginando como as aulas aconteceriam. Então, observamos a relação da professora com os alunos, de que maneira determinado assunto era tratado etc. Os alunos sempre estavam curiosos com a nossa presença e, partir disso, já criávamos idéias sobre como ministrariamos a aula sobre determinando conteúdo, como agiríamos em uma situação de muito barulho na sala, que atividade de fixação levaríamos para tal turma, etc. Depois, fomos para a etapa de intervenção, na qual, de fato, intervimos nas aulas, fazendo planos e atividades. Inicialmente, conhecemos as turmas, porém um primeiro contato é insuficiente para conhecê-las bem. Na primeira aula, com a primeira turma, tentamos seguir o nosso plano à risca, e tivemos nossa primeira decepção, pois não deu tempo de concluir nem metade do planejado. Refizemos o plano, na tentativa de que desse tudo certo na segunda turma, porém, mais uma vez, não conseguimos executá-lo. Mas o resultado foi melhor do que na turma anterior. E, novamente, refizemos nosso plano, até que, enfim, na última turma, a aula deu certo.

Entendemos, então, que se trata de um processo, de construção e reconstrução, de saber lidar com o tempo, que é curto, de sempre retomar o conteúdo da aula passada, pois as aulas de espanhol acontecem apenas uma vez por semana, de é saber fazer amizade, porque a relação professor-aluno é muito importante para o desenvolvimento da aula, mas também de saber que, talvez, uma sequência didática maravilhosa pode não levar ao resultado esperado, pode não interessar aos alunos. Trata-se, pois, de saber lidar com as brincadeiras, com o desinteresse, sono e cansaço, pois a escola é de ensino integral. Assim como se trata de saber lidar com conversas paralelas.

Por vezes, a aula mais simples é um sucesso. É imprevisível o que pode acontecer e, nesse sentido, é sempre importante ter um plano b. Mas também entendemos que temos que fazer a nossa parte e o aluno a sua. A aprendizagem é uma via de mão dupla, professor e aluno devem caminhar no mesmo sentido e, o mais importante, aprender com as situações em que se fracassou e investir no que deu certo. Diante das experiências, as crenças que citamos inicialmente se confirmam: o desinteresse em grande parte dos nossos alunos por aprender espanhol, pois eles não veem razão nenhuma para estudar o idioma, além da prova do Enem. Alguns acham fácil demais e acreditam que não precisam estudar, enquanto outros acham difícil demais e, então, não querem aprender. São crenças que limitam e dificultam muito o ensino/aprendizagem do espanhol.

Nas escolas existem crenças associadas até mesmo à distribuição alfabética das turmas. Coube-nos trabalhar com a turma H de um primeiro ano do Ensino Médio. Existem muitas crenças relacionadas aos alunos das últimas turmas e, geralmente, são negativas. Inicialmente, recebemos informações de que a turma era muito desinteressada, que muitos desistiam que as notas eram baixas e que, portanto, teríamos um trabalho difícil pela frente. Quando tivemos de ministrar uma aula sobre adjetivos para a turma H, já sabíamos que a mesma aula é totalmente diferente em turmas diferentes. Então fizemos uma explicação sobre o assunto, apresentando o que é adjetivo, a concordância, os tipos, a sua função. Através de exemplos, tentamos aproximar o conteúdo da realidade dos alunos, e a turma H se destacou entre as outras, pois foi a mais participativa, divertida e leve. Percebíamos interesse por parte dos alunos. Fizeram a atividade que pedimos e, pelo fato de a turma ser pequena, era possível ter mais proximidade entre residentes e alunos. Havia um clima de amizade que auxiliou bastante o processo de aprendizagem. Ao longo do semestre, a professora comentou que eles tiveram uma melhora nas notas de espanhol, e foi bastante surpreendente o desenvolvimento desta turma, que pensávamos que não seria bom.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de crença é de interesse de várias áreas de estudos, desde a psicologia à educação, entre outras, porém ainda não há um acordo para uma única definição deste termo, portanto diferentes estudos trazem contribuições conceituais diferentes do que é crença.

De acordo com Barcelos, as crenças são sociais e dinâmicas: “[...] uma forma de pensamento, como construção da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus

fenômenos” (BARCELOS, 2006, p. 18). Ou seja, são construídas por nós desde muito cedo mediante nossas vivências.

Antes de começarmos a trabalhar na Escola José Gonçalves tínhamos duas crenças em mente. Tínhamos conhecimento de que o ensino de Língua Espanhola enfrentava problemas, no entanto, com decorrer do programa, nos deparamos com um quadro surpreendentemente negativo. Em nosso contexto muitos fatores influenciam tal desinteresse: uma aula por semana, algumas no período da tarde, horário em que os alunos têm um desempenho mais baixo devido ao cansaço (pois se trata de uma escola de tempo integral), carga horária baixa, entre outras coisas. Além disso, confirma-se a crença de que os alunos não veem utilidade em aprender o espanhol, por isso estão muito desmotivados e suas realidades não oferecem nenhuma perspectiva de uso do idioma, e os fatores citados fortalecem essa ideia.

Por outro lado, uma crença que tínhamos, mas que, nesse caso, não se confirmou foi a ideia de que turmas com alunos repetentes tem um potencial menor (isso ficava sugerido na configuração de uma turma “H”, por exemplo). Infelizmente, existe um preconceito com eles e nem sempre os professores não investem muito nessas turmas. Felizmente, tivemos uma experiência bem diferente com uma turma caracterizada dessa forma, como mencionado anteriormente. No processo de aprender a ensinar, somos surpreendidos, por vezes positivamente, por vezes negativamente, algumas crenças são confirmadas, outras desconstruídas e, ao longo da vivência, aprendemos com nossos erros e acertos, construindo novas crenças, também.

É importante destacar que devemos ter consciência do que acreditamos ter sabedoria para não nos fecharmos em apenas uma ideia, e não nos fechar em crenças limitadoras, mas, sim, estar dispostos a sempre aprender e alcançar novos resultados, pois vamos encontrar crenças positivas/negativas, das quais somos a favor ou contra, e no ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira, isso faz parte dos caminhos para o conhecimento de novas ações e conseqüentemente novas práticas para o aprendizado.

A experiência proporcionada pelo programa Residência Pedagógica da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB nos possibilitou ver uma realidade diferente do que acreditávamos, e isso nos fez repensar e analisar nossas convicções. A desconstrução de crenças ou o desenvolvimento de novas ideias são fundamentais para o processo de formação de bom profissional.

REFERÊNCIAS

BARCELOS, A. M. F. **Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas.** In: BARCELOS, A. M. F.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. (Org.). Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores. Campinas: Pontes, 2006. p. 15-42.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: EGA, 1996.

SEDYCIAS, João. **O Ensino do espanhol no Brasil: passado, presente, futuro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FEREIRA, J. L. C. **As crenças de aprender espanhol de alunos no curso de letras.** 2009.185 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.